



A confissão como instrumento normativo da sexualidade feminina nas revistas Nova e Capricho¹

Carina Toledo MATOS²

Tânia Márcia César HOFF³

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso realizado na ESPM-SP que se propunha a estudar a sexualidade no discurso da imprensa feminina. Serão analisados os discursos de confissão, que são aqueles de fala pessoal, em algumas seções das revistas Nova e Capricho, tomando como objeto de análise um período de seis meses – julho a dezembro de 2009. Para tanto, tem-se como principal referencial teórico e metodológico as obras Os Anormais e História da Sexualidade I: A vontade de saber, de Michel Foucault. Seguindo preceitos do referido autor, a pesquisa tem como objetivo analisar a confissão como um discurso de normatização de sexualidade nas revistas Nova e Capricho.

PALAVRAS-CHAVE: mídia impressa; revistas femininas; normatização de sexualidade; discursos de confissão.

1- Introdução

Quando passamos os olhos pelas revistas femininas que estão dispostas em uma banca de jornal, não demoramos a perceber que a maioria delas traz em suas capas o retrato de uma mulher ideal, possuidora de um corpo perfeito, magro, bronzeado e sedutor. Nas chamadas de capa, convites a conquistar um corpo esbelto e a descobrir novas esferas de prazer – logo se vê que a erotização é o aspecto que mais se destaca, principalmente nas revistas aqui analisadas.

Optamos aqui por estudar os discursos elaborados pelas revistas Nova e Capricho – ambas editadas pelo Grupo Abril –, deixando de lado as peças publicitárias. Esta escolha pode parecer, à primeira vista, incongruente, especialmente quando consideramos o tema da pesquisa, que é “a normatização da sexualidade da mulher na imprensa feminina”. Muitos acusam a publicidade, especialmente no senso comum, de ser normatizadora e impor um modelo de corpo a ser atingido, um padrão de beleza

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM, SP, email: carinatoledo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho e professora do curso de comunicação social, bem como do programa de mestrado em comunicação e práticas de consumo da ESPM-SP, e-mail: thoff@espm.br



irreal, desvalorizando o corpo natural e promovendo a baixa auto-estima – culpa-se a publicidade até pela explosão dos distúrbios alimentares. No entanto, é o conteúdo jornalístico e editorial que leva à compra de uma revista, em que encontramos características textuais muito semelhantes ao texto publicitário, especialmente pelo uso de formas verbais imperativas – “Acerte no perfume”, “Roube o look” e “Ouse!” não são muito diferentes de “Compre”, “Experimente”, “Ligue agora e peça...”. Assim, não apenas os discursos publicitários normatizam, mas os editoriais também.

A sexualidade se mostra relevante como material de estudo, pois constitui um componente biológico e permanente da humanidade. O ato sexual que praticamos permanece essencialmente o mesmo através dos tempos, mas as formas como uma sociedade trata o comportamento sexual mudam constantemente e padrões são ressignificados de época a época. Entendemos aqui que, ao falar de sexualidade, as revistas femininas cooperam para a divulgação e manutenção de comportamentos sexuais por meio de uma linguagem com a qual se pretende criar um vínculo de amizade com a leitora, oferecendo “dicas” e conselhos para quase todos os aspectos de sua vida. No entanto, nestes conselhos as revistas oferecem um verdadeiro manual de etiqueta social, disseminando um código de “certos e errados” sexuais.

Localizamos também a revista como um objeto de consumo múltiplo. Ela é, ao mesmo tempo, um produto mercadológico e um veículo para reportagens que, por sua vez, também são produtos, consumidos pelas leitoras de maneira simbólica, segundo a concepção de consumo como resultado de condicionamentos socioculturais de Canclini (2006). Assim, estudamos a mídia e os discursos que constituem sua dimensão simbólica, ainda em um momento anterior a apropriação destes valores simbólicos por parte dos leitores, uma vez que não foi realizada uma pesquisa de recepção.

A revista Nova, direcionada para uma mulher adulta, foi escolhida pelo destaque que dá à sexualidade em seu conteúdo editorial, inclusive servindo de ponto de referência para suas concorrentes – não é raro encontrar as pautas de sexualidade de Nova em outras publicações, com um ou dois meses de atraso. A opção pela revista Capricho, por sua vez, deu-se em função de sua proximidade com o público adolescente: Capricho é amada pelas meninas e representa um modelo para o processo de construção identitária (ROCHA, 2006). Como prova desta relação de proximidade temos o fato de que Capricho é hoje a maior marca *teen* de nosso país, abrangendo a revista, eventos de moda e música, site na Internet e diversos produtos licenciados.



Assim, Capricho “alimenta um poderoso agenciamento de subjetividades juvenis” (ROCHA, 2006, p. 86), orientando-as para o consumo.

O tema aqui estudado traz três eixos centrais para investigação: revistas femininas, discursos de sexualidade e o conceito foucaultiano de normatização, o que levou-nos ao problema de pesquisa, que é “como a normatização da sexualidade é posta em discurso pelas revistas Nova e Capricho?”.

Segundo Foucault (2002), a norma não é uma lei jurídica, mas sim uma espécie de lei que se naturaliza na vida dos indivíduos, trazendo consigo um princípio de qualificação e correção. Sob esta perspectiva, percebemos nas revistas femininas discursos normativos, que buscam organizar e sistematizar as práticas sexuais – um sexo que não deve ser julgado ou condenado, mas administrado; um regulado para o bem coletivo e funcionando segundo um padrão ótimo (FOUCAULT, 1988, p. 31).

Analisando os discursos de sexualidade das revistas selecionadas, dois tipos de discurso destacavam-se: discursos de prescrição, que são os manuais de “dicas” e conselhos elaborados pela revista; e os discursos de confissão, que não são aqueles elaborados como matéria ou reportagem pela revista, mas sim a fala em primeira pessoa de leitoras, celebridades, entrevistadas, etc. Foucault (1988) situa a confissão como o principal procedimento para produzir a verdade sobre o sexo e aqui a percebemos como uma estratégia mais eficaz na construção discursiva da sexualidade, legitimando os conselhos propostos pelas revistas. Os discursos de prescrição trazem uma normatização evidente e, por isso, a norma pode ser facilmente identificada e rejeitada pelo leitor. A confissão, por sua vez, tem maior potencial persuasivo, apresentando normas de conduta de maneira sutil. Assim, a confissão foi colocada no centro do objetivo da pesquisa, que é “analisar a confissão como um discurso de normatização de sexualidade nas revistas Nova e Capricho”.

2 – Construindo um saber midiático de sexualidade

Estudar a normatização nas revistas femininas pela perspectiva de Foucault significa abordar a mídia não como uma entidade repressora, que se impõe de forma unilateral como modelo de comportamento – especialmente quando consideramos a concepção positiva de poder proposta pelo autor (REVEL, 2005, p. 67). Assim, vemos aqui uma mídia produtora de verdade, de modos de ser, de processos de subjetivação, etc.



Segundo Aidar Prado (2009), a mídia coopera para a construção de um Mesmo, que são os modelos de sucesso econômico e posicionamento social que devem ser almeçados pelos leitores. A mídia segmentada – na qual a imprensa feminina se encaixa – se dedica à construção do Mesmo e traz um contrato comunicacional estreito, pois não só indica e apresenta o mapa de comportamento, como constrói programas e indica as metas a serem alcançadas. Desta maneira, o discurso de confissão coopera para a construção do Mesmo, pois dilui a força de imposição da norma por meio de artifícios como a apresentação de uma história de vida, ou de uma opinião, por exemplo. Desta maneira, o sistema de normatização não é reconhecido como coercitivo, pois “a mídia, ‘educadora’ e disciplinadora, é didática na divulgação do modelo de erotismo e eficiente na manutenção do poder” (CAMARGO; HOFF, 2002, p. 66).

A noção de discurso de confissão da qual tratamos aqui surgiu nos rituais católicos de exame de consciência, com a enunciação regular dos pecados. Posteriormente o procedimento da confissão migrou para o interior do saber médico (por meio da combinação de confissão e exame, o interrogatório cerrado e a hipnose com a evocação de lembranças, por exemplo), sendo usado para identificar doenças mentais, anomalias de comportamento e da ordem sexual. Atualmente, a mídia apropriou-se das técnicas de confissão e do discurso médico, nos mais diversos tipos de reportagens, que apresentam a fala de especialistas, como psicólogos, psiquiatras, sexólogos e ginecologistas. Apesar de hoje termos um grande número de procedimentos institucionalizados para confessar nossa sexualidade – como, por exemplo, a psiquiatria e a sexologia –, a imprensa feminina é a única que faz circular a confissão, tornando-se publicamente uma referência para o que é ou não normal no comportamento sexual e assim construindo um saber midiático sobre a sexualidade. Os processos de normatização deixaram, assim, o campo das grandes anomalias mentais para concentrar-se nas pequenas anomalias cotidianas do comportamento sexual.

3 – Referencial teórico e procedimentos metodológicos

Partindo da concepção de que a comunicação é um campo de conhecimento que se constrói a partir de múltiplos contatos com outras disciplinas das ciências humanas (MARTINO, 2006), percebemos uma convergência de saberes que tornam a comunicação um campo transdisciplinar (LOPES, 2006). Esta característica permite estudar a mídia com um referencial teórico da filosofia, no caso dois livros de Michel Foucault – Os Anormais e História da sexualidade I: A vontade de saber. Outros autores



trazem aprofundamento para questões específicas, como estudos sobre a mídia impressa (MIRA, 1997), mídia semanal (AIDAR PRADO, 2009), mídia jovem (ROCHA, 2006) e história das mulheres (BASSANEZI, 2009)

Os Anormais, aliado ao livro História da sexualidade I: A vontade de saber, constitui também uma referência para o procedimento metodológico aqui utilizado. Ambas as obras são consideradas aqui complementares como inspiração para criar um modelo de metodologia. Existe uma intersecção entre os temas dos dois livros – normatização, confissão e sexualidade –, porém tratados por meio de abordagens distintas. Em Os Anormais, encontramos o campo da sexualidade atravessado pela problemática da anomalia e o discurso da confissão é transferido da esfera católica para a instância médica, como método para revelar o permitido e o proibido, o normal e o anormal, no comportamento sexual – a sexualidade é tratada como a instância a ser regulada e normatizada. Na História da sexualidade, encontramos a construção de um percurso da sexualidade inserida em mecânicas positivas de poder, que podem regular, restringir ou disseminar o sexo em discurso – a sexualidade aqui é o assunto a se revelar e a confissão serve como principal instrumento para produzir uma verdade sobre o sexo. Usando como inspiração a combinação destas duas características da confissão – revelação de discursos sobre o sexo e revelação de normatização – foi elaborada uma metodologia de pesquisa.

Esta metodologia segue os seguintes preceitos: “A confissão é o ritual do discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado” (FOUCAULT, 1988, p. 71); a confissão é sempre feita a alguém: presença, ao menos virtual, de um parceiro (FOUCAULT, 1988, p. 71); deve-se analisar a maneira *como se fala* de sexo, quais são as pessoas que falam, a partir de que pontos de vista, visando obter que efeitos (FOUCAULT, 1988, p.33-34). A aplicação da metodologia será por meio de uma abordagem qualitativa, usando como instrumento a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Aqui usamos como documento seis edições de Nova e treze de Capricho, cuja publicação é quinzenal, do segundo semestre de 2009. Apenas algumas matérias por edição serão analisadas em profundidade – duas matérias por edição de Nova e em Capricho analisaremos em todas as edições a seção fixa “Sexo”, com o eventual auxílio de matérias de outras seções, selecionadas caso a caso. Foi utilizado como critério de seleção para formação do *corpus* matérias que continham a confissão de sexualidade.

Iniciado o processo de análise, fez-se necessário atribuir uma lógica de organização ao material, que foi diferente para cada revista. Em Nova, as categorias



surgiram dos discursos e sentidos expressos na fala da confissão, gerando três categorias: 1- Confissão exemplar; 2- Confissão test-drive e 3- Confissão desviante. Em *Capricho*, as categorias foram atribuídas de acordo com o momento de vida que é revelado pela fala da confessanda, gerando também três categorias: 1- Momento de decisão: primeira vez; 2- Medo do dia seguinte e 3- Desvios de comportamento.

4 – Confissões normatizadoras de sexualidade

4.1 – Garota *Capricho*: à espera da primeira vez

Capricho é uma revista direcionada para garotas adolescentes da faixa etária dos 10 aos 19 anos. Entre os assuntos tratados em suas páginas ganham destaque a moda, música, comportamento e celebridades.

O discurso de *Capricho* apresenta prescritividade pouco aparente, uma vez que a linguagem da revista a posiciona como uma amiga mais experiente da leitora, a quem ela pode pedir conselhos e contar seus segredos sem medo de censuras ou represálias. Quanto à sexualidade, a primeira relação sexual é o assunto de maior destaque, devido à faixa etária e momento de vida das leitoras – 74% delas são virgens e 73% declararam ter medo da primeira relação sexual⁴. A questão do prazer quase não aparece – entre as que já tiveram relações sexuais, 55% das leitoras não sabem o que/como é um orgasmo⁵ – e a preocupação de agradar o parceiro raramente é citada.

A fala confessional tem grande espaço em *Capricho*, em uma variedade de seções, entre elas: “Terapia de Grupo”, “Dúvida de Garota”, “Conversa de Banheiro”, “About me”, “Sexo”, “A incrível história...”. As adolescentes mostram-se, quase sempre, cheias de dúvidas, inseguranças e incertezas, indicando que as “dúvidas sobre a sexualidade, o amor, o corpo [...] colocam-se sempre nos tênues limites entre ser criança, ser garota ou ser mulher” (MIRA, 1997, p. 274).

4.1.2 – Momento de decisão: primeira vez

Esta categoria trata de uma sexualidade ainda não consumada e o sexo aqui está inserido no processo de formação da subjetividade da própria confessanda. Os discursos confessionais desta categoria são relativamente homogêneos; confessa-se não a sexualidade praticada, mas sim as expectativas, anseios e sentimentos que cercam este sexo “represado”, cuja consumação permanece pendente.

⁴ Dados de enquête feita por *Capricho* em seu site, com 20.974 meninas, publicados na edição de 13/09/2009.

⁵ Idem.



As confissões aqui revelam uma expectativa padrão – que se constitui como norma – de que a primeira relação sexual deve acontecer em um momento “lindo”, “especial” e sem medo. Segundo a norma revelada pelas confissões, a primeira vez deve ser vivida quando a garota sentir-se preparada e quando tiver confiança e intimidade com o parceiro.

Uma primeira relação sexual especial – e de acordo com a norma – está condicionada por dois elementos principais: a escolha do momento ideal e autoimagem/insegurança. A sexualidade adolescente vê-se atravessada pela problemática da auto-imagem e da insegurança uma vez que e a necessidade de sentir-se segura com o próprio corpo, “à vontade” e “pronta” para que a perda da virgindade não gere arrependimento posterior. As confissões mostram também que as meninas valorizam menos a virgindade em si, seu status como virgem, e mais o momento da primeira relação sexual. O sexo aqui é um ritual de passagem, que deve ser minuciosamente preparado, sendo que a leitura da revista faz parte deste processo de preparação.

4.1.3 – Medo do dia seguinte

Esta categoria é uma continuação direta da anterior e diz respeito ao momento de vida logo após a perda da virgindade. Temos aqui uma sexualidade já realizada, o que não resulta em uma garota sexualmente experiente – ao contrário. É uma sexualidade recém consumada e, por isso, frágil. Uma vez concretizada a primeira relação sexual, abrem-se portas para novos medos, pois não houve tempo para a nova sexualidade ativar-se no processo de subjetivação da adolescente e tornar-se parte de sua individualidade.

As confissões dos medos das possíveis conseqüências negativas do sexo revelam que a sexualidade feminina ainda é regida pelas normas de “pureza” e “virtude” – de maneira suavizada, mas ainda presente.

Um medo compartilhado pela maioria das adolescentes é ser abandonada pelo parceiro logo após a primeira vez. Como vimos na categoria anterior, a norma para a perda da virgindade hoje não requer um laço formal de compromisso e a jovem mulher pode ter sua primeira relação sexual com o parceiro de sua escolha, já que o requisito essencial é ter “intimidade” e “confiança” no parceiro. No entanto, se a primeira vez resulta em abandono, aquela suposta intimidade não terá sido mais que uma mentira construída pelo parceiro a fim de iludir a garota.



Outro medo que ganha grande destaque é o medo da exposição da sexualidade, especialmente perante o grupo de colegas. Este medo é resultado de valores arraigados em nossa cultura, revelando que a lógica que rege os comportamentos masculino e feminino permanece tão distinta quanto nos anos 1950. As mulheres ainda buscam esconder sua intimidade, enquanto os homens buscam vangloriar-se de suas conquistas. Ter a sexualidade exposta perante o grupo significa ficar *mal falada* e rotulada como *galinha*, mostrando que ainda faz-se a distinção entre *moça de família* e *moça leviana* (BASSANEZI, 2009, p. 610).

“Aconteceu exatamente isso comigo. Depois de uma festa, fomos para o quarto dele e acabou rolando. No dia seguinte, todo mundo sabia que a gente tinha transado. Até hoje os amigos dele fazem piada quando me vêem,” Naane, 15 anos.

“Já presenciei uma garota conhecida vivendo essa mesma situação e confesso: falei muito mal dela,” Tatha, 16 anos (confissões da matéria “Caiu na boca da galera!”, *Capricho*, 8/11/2009, p.71).

Os medos revelados nesta categoria são compartilhados pela grande maioria das adolescentes. Seriam os medos normatizados? Concluímos aqui que não. A percepção deste estudo é que os medos apresentados nas confissões não constituem a norma, mas são criados pela expectativa de desviar-se dela. Ao publicar confissões de casos que não correspondem ao ideal de sexualidade das adolescentes, a revista contribui para a manutenção dos medos ali relatados. Apesar do conselho da revista em caso de difamação ser “manter a calma e lembrar que você não fez nada de errado” e “agir normalmente e bancar” suas ações, percebe-se que uma conduta ideal não inclui os casos daquelas confissões. Mesmo que corriqueiras, estas situações são tidas como anormais e nenhuma garota as quer para si; logo, melhor comportar-se de acordo com a norma.

4.1.4 – Desvio de comportamento

Esta categoria trata de comportamentos que fogem ao padrão de sexualidade centrado na primeira relação sexual. Confessa-se as sexualidades desviantes e os sentimentos que cercam viver um comportamento fora da norma. Os comportamentos desviantes detectados no *corpus* não são homogêneos, apresentando diversos graus de desvio. Neste caso, o mecanismo de normatização da revista polariza-se entre construir a aceitação ou não-aceitação dos desvios revelados.

Entre os desvios cuja norma é a não-aceitação estão um caso extremo, que é sofrer abuso sexual do pai ou padrasto e um caso corriqueiro, que é fazer sexo sem o



uso do preservativo. Uma vez que o uso da camisinha é tão regular e difundido em nossa sociedade, usá-la é uma norma estabelecida para a conduta sexual contemporânea. A cada relação sexual, apresenta-se a possibilidade de quebrar a norma. As confessandas mostram-se convictas – ao menos no âmbito da fala – de que não se deve fazer sexo sem preservativo, ou seja, é um comportamento que não se deve aceitar. Já na matéria “Perigo dentro de casa” (*Capricho*, 8/11/2009, p. 92), temos um desvio extremo da norma e percebe-se claramente a intenção da revista de educar e conscientizar as leitoras para procurar ajuda e livrar-se do abusador. O abuso sexual dentro de casa é, na contemporaneidade, a maior quebra das normas do comportamento sexual: une em um só desvio estupro, pedofilia e incesto. Podemos afirmar que o agressor sexual familiar é a versão contemporânea do grande monstro anormal traçado por Foucault (2002, p. 69-80). Assim, a prescrição de *Capricho* é clara: busque ajuda ou aconselhamento de um adulto, pois esta é a única maneira de livrar-se da situação.

Entre os desvios da norma que levam à aceitação estão questões ligadas à homossexualidade e práticas sexuais vistas como “estranhas” pelas confessandas. Uma vez que sua leitora está num momento de construção da identidade sexual, *Capricho* trata como normais as confissões do transexual William, mulher que está no processo de transformar-se homem, e da garota que não sabe como lidar com a bissexualidade de sua melhor amiga. Assim, a leitora que se sente inadequada em relação ao grupo social poderá identificar-se com a confissão desviante da revista e sentir-se normal – regular em sua irregularidade.

Entre os graus de desvios mais amenos, estão as práticas sexuais que parecem “estranhas” às confessandas. Nestas confissões, percebemos que práticas não relativas ao sexo com penetração apresentam-se como desvio – a rejeição ao sexo oral é maior do que à posições diferentes, por exemplo. A masturbação também gerou controvérsias entre as leitoras da revista, sendo descrita como algo “errado” e “coisa que menina não faz”. Outras confessandas, por sua vez, não rejeitavam a prática, apenas preferiam mantê-la em segredo. Mesmo que diferentes, ambas as reações evidenciam que a masturbação feminina permanece alvo de recriminação social. No entanto, a prescrição da revista busca normatizar pela aceitação, apresentando-a como um atalho para chegar ao prazer sexual e autoconhecimento.

4.2 – Mulher de Nova: *femme fatale* passo a passo



Nova é uma revista direcionada para a mulher adulta, com leitoras que vão dos 20 aos 50 anos. Segundo dados internos da Abril⁶, 53% delas são solteiras, o que se reflete no conteúdo editorial, com muitas matérias sobre namoro, etiqueta sexual e técnicas de conquista e sedução.

Entre os assuntos de *Nova*, o sexo é o eixo temático que orienta todas as reportagens, até naquelas que não têm relação direta com a sexualidade. O clima erótico é transmitido visualmente, abusando de imagens sensuais do corpo feminino e casais em cenas provocantes. O texto também trabalha a favor da sensualidade, por meio de um repertório de palavras sensuais como “tentação”, “carícias”, “lasciva”, “incendiária”, “ferveção”, “pecaminoso”, e até a própria grafia das palavras demonstra a ênfase no sexo, em expressões como “chegar lahhh” e “sexo soohlo”, “terra da fantasiashhh” – suspiros de prazer já em forma ortográfica.

A revista também dá grande destaque aos cuidados com o corpo e sua leitora deve buscar o ideal de beleza atual.

“Quem se aceita, se gosta. Quem se gosta, se aceita. E se cuida. Endurece aquele bumbum bem brasileiro com os exercícios certos, esculpe o corpão violão com alimentação balanceada, dá um *tapinha* na celulite com as modernas máquinas e tratamentos. E fica linda!” (editorial “*Seu corpo perfeito*”, *Nova*, outubro/2009).

Os discursos de *Nova* são altamente prescritivos, trazendo uma variedade de “conselhos”, “guias”, “lições” e “métodos exclusivos”, apresentados como a revelação de um mistério, para que a leitora transforme sua vida. Assim são apresentadas as técnicas modernas de controle sobre o corpo, os homens ou a própria personalidade, para aplicação imediata.

“O melhor sexo da sua vida! 5 posições (ahh...), 10 brinquedinhos (ohh...), 50 idéias (u-hu!) mais votados. A lista que faz maravilhas pelo orgasmo de milhares de brasileiras. É hot!” (*Nova*, setembro/2009).

A chamada de capa acima revela a principal missão da revista: fazer maravilhas pelo orgasmo de milhares de brasileiras. É a busca pelo mais intenso orgasmo que motiva as reportagens da revista e boa parte das confissões, como veremos a seguir.

4.2.1 – Confissão exemplar

As confissões desta categoria apresentam a leitora um modelo a ser seguido, revelando não só práticas sexuais, mas também as motivações e valores que a cercam.

⁶ Dados internos do Grupo Abril: perfil dos assinantes de *Nova*, atualizado em 19/07/2009.



Vemos aqui que a busca por uma sexualidade plena constitui-se como norma, e para obtê-la é preciso *sentir-se* sensual – sensualidade que poderá ser conquistada aproximando-se de um ideal de corpo. Nas matérias do *corpus*, quatro confissões apresentam-se como exemplo de sensualidade, são elas: a mulher da capa de Nova, cuja confissão tem alto potencial normatizador, já que a imagem da capa personaliza o DNA editorial da revista; a mulher que posou nua, uma vez que a mulher que estampa uma revista masculina representa o ideal aquilo que é admirado pelos homens; a leitora da seção “Nova mulher brasileira”, que apresenta à leitora outras mulheres como ela – uma mulher real, cuja pode servir de modelo e inspiração; a fala masculina da seção “Coração de homem”, cuja confissão revela uma dupla normatização, pois mostra à leitora o modelo de feminilidade esperado pelos homens e, ao mesmo tempo, apresenta um modelo de homem a almejar.

Nas confissões, o corpo ideal como norma de sensualidade é reforçado. A atriz Carolina Dieckman, capa da edição de outubro, revela:

“Meu ideal é pesar sempre 50 quilos. Mas não sou fanática por bumbum durinho. Aliás, acho cafona mulher musculosa demais. Não quero estar metralhada de celulite, mas ter uma ou outra é ok. Prefiro curvas mais femininas” (Nova, outubro/2009).

A roteirista, escritora e apresentadora de televisão Fernanda Young, que esteve na capa da edição de novembro de 2009 da revista Playboy, confessou que sempre sentiu-se distante das mulheres consideradas “gostasas”. Ela só começou a sentir-se sensual com as mudanças em seu corpo após a gestação, que trouxe o aumento das medidas de seu quadril e bunda. Confessa também seios “refeitos” pela cirurgia plástica e mais de dez anos de ginástica no currículo: a sensualidade de Fernanda Young revela-se, assim, tão normatizada pelos preceitos da estética do corpo quanto à das “gostasas” com quem ela diz não se identificar. E afirma seu status como tal ao finalizar seu texto dizendo que “*para mim, o Photoshop⁷ não foi necessário*”.

Kaio Casarini, da seção “Coração de homem”, coloca os cuidados estéticos e com o corpo em primeiro lugar:

“Às vezes ela nem é tão bonita, mas a maneira como cuida de si mesma sobressai à beleza física. Por outro lado, existem meninas lindíssimas que perdem o encanto pela falta de capricho com o visual. [...] Não sou nenhum metrossexual – longe disso –, mas gosto de andar bem vestido, perfumado e de praticar esportes. E, claro, fico entusiasmado quando vejo que a menina segue a mesma linha” (confissão da seção “Coração de homem”, Nova, julho/2009, p. 44).

⁷ Software de manipulação de imagens digitais.



Ana Maria Kuklik, leitora de Curitiba que figurava a seção “Nova mulher brasileira” de dezembro, por sua vez, revela a normatização do comportamento que é esperado da leitora da revista, quando disse que “meus amigos comentam que não sou sexy. Sou sexual!”. Ser sexy seria apenas uma concepção estética, enquanto ser sexual é colocar o sexo no centro da experiência de vida. A mulher de Nova não tem um desejo sexual mediano, mas sim intenso.

Nas confissões da categoria não vemos um modelo de conduta sexual, uma vez que práticas sexuais não são muito destacadas. O que encontramos aqui é um modelo de mulher e feminilidade, que aparece fortemente atrelado à visualidade e a um ideal de corpo. Assim, a sexualidade combina-se aos tratamentos cosméticos, consumo e normas da estética do corpo para compor uma normatização de sexualidade.

4.2.2 – Confissão test-drive

Nesta categoria, primeiro aplica-se a norma, depois relata-se a experiência. Aqui a confessanda testa empiricamente a técnica proposta pela revista para, posteriormente, revelar seus resultados – sempre positivos. Aqui vamos analisar as confissões de dois métodos testados, sendo que ambos revelam como norma a busca pelo prazer máximo.

Na matéria “Massagem lahhh”, que integra o “Guia de Sexo Lacrado” (julho/2009), uma repórter de Nova testa a massagem tântrica yoni, que promete prazer muito superior àquele experimentado no ato sexual cotidiano. A confissão é minuciosa e, no início, a repórter indaga-se se teria coragem para permitir que um terapeuta desconhecido tocasse seu corpo, mas acaba decidindo marcar a sessão – afinal, “*quem não quer ter orgasmos múltiplos, explorar ao máximo o ponto G?*”. Percebe-se que a leitora nem precisa confessar sua (in)satisfação sexual – Nova confessa por você. E testa o método e relata sua eficácia, para que a leitora possa aplicá-lo também, sem questionamentos, tendo a experiência da repórter como referencial.

A confissão da repórter e o teste da técnica tântrica revelam uma normatização da busca pelo maior e mais intenso prazer, que pode ser atingido mesmo sem um parceiro – ao final da sessão de massagem yoni, a repórter de Nova revelou cinco orgasmos atingidos.

A segunda matéria desta categoria, “Preliminares múltiplas” (agosto/2009), traz a confissão de dois casais que aceitaram testar um jogo sexual proposto pela revista. O jogo consiste em enumerar em uma ilustração de corpo o mapa das carícias que cada um mais gosta de receber e aquelas que mais gostam de proporcionar ao parceiro. Depois, o



casal deve comparar seus mapas sexuais, a fim de verificar se estão proporcionando ao outro o máximo prazer possível e aprender “precisamente onde e como tocar o corpo do outro”. Os casais então confessam suas carícias favoritas, as que aplicam ao parceiro, as surpresas da comparação dos mapas e o resultado da aplicação da técnica em sua vida íntima. As confissões aqui corroboram a normatização da busca pelo prazer máximo colocada em discurso na matéria anterior, mas desta vez a busca operacionaliza-se no interior do relacionamento.

As confissões test-drive demonstram que o prazer sexual ocupa grande espaço na vida da mulher de Nova e os orgasmos múltiplos não ficam restritos à relação conjugal, podendo ser experimentados por diversas vias. O orgasmo institui-se como norma para o comportamento sexual, não mais restrito a um momento de prazer experimentado a dois para tornar-se o objetivo final da relação sexual. Vemos aqui também uma expectativa espetacular do sexo: não basta ter um sexo bom e satisfatório – ele deve ser um exercício de performance. Agradar o outro não é suficiente – deve-se aprender precisamente onde e como tocar o corpo do parceiro. Nos discursos de Nova o sexo sempre pode – e deve – ser aprimorado.

4.2.3 – Confissão desviante

As confissões desta categoria são desviantes porque tratam de falhas e deficiências. Também temos aqui a confissão da dúvida, pois perguntar é confessar a própria ignorância. Assim, temos uma confissão que desvia tanto pela forma quanto pelo conteúdo do discurso.

A norma revelada pelos discursos de confissão desta categoria coloca a capacidade de ter orgasmos como sinônimo de sexualidade normal, não apenas como norma de conduta. Não atingir o orgasmo é uma doença que tem nome – anorgasmia –, tipologias e tratamentos. Esta norma é ilustrada pelas confissões de duas mulheres, que falam de sua incapacidade de atingir o orgasmo e os métodos que as levaram à conquista do prazer sexual. Não atingir o orgasmo constitui uma anomalia da qual o indivíduo deve buscar curar-se, empregando os mais diversos métodos, que podem ir da cirurgia vaginal, passando por longos meses de terapia até o consumo de produtos eróticos.

A segunda matéria desta categoria, “Ele é normal lá embaixo?” (outubro/2009), revela uma grande preocupação das leitoras em classificar a anatomia masculina nos parâmetros do que é normal e do que é anormal. No entanto, passadas algumas linhas de



leitura, percebemos não uma normatização de anatomia, mas sim a afirmação da busca do orgasmo. Para cada tipo de pênis, um procedimento ou posição apropriada atingir o clímax. Desta forma, a revista reitera que independente do formato do pênis, o importante é usá-lo a favor de seu próprio orgasmo.

A terceira matéria da categoria é desviante por sua maneira de confessar e pelo emissor da confissão: aqui o leitor confessa a si mesmo, com base em um script fornecido pela revista – uma auto-confissão apresentada em forma de teste. No “Provão do oooohh” a leitora-confessanda pode verificar, em dez perguntas, seu conhecimento sobre orgasmo, anatomia do clitóris, eficiência de vibradores, etc. e, logo abaixo, conferir a resposta e instruções de Nova para ampliar o seu prazer. Percebe-se assim que a mulher de Nova deve ter o orgasmo como aspecto central de sua existência, não só na prática, mas também na teoria.

5 – Considerações finais

Percorrido o percurso de análise dos discursos de confissão de Nova e Capricho, percebemos ambas como normatizadoras. Capricho talvez ainda mais que Nova, pois dilui a força impositiva de suas normas de comportamento ao posicionar-se como amiga e conselheira, assim possibilitando que a norma se enraíze no comportamento. Nova, por sua vez, traz prescritividade aparente em seus discursos, que em nenhum momento escondem o orgasmo como prioridade no comportamento sexual da mulher saudável e normal. Situamos aqui a normatização da busca pelo prazer máximo como um sintoma dos interesses da sociedade pós-moderna. E, ao mesmo tempo, esta normatização trabalha em função dos interesses desta mesma sociedade. No entanto, vemos também uma relativização da norma – não seria válido e pertinente que meninas adolescentes busquem uma primeira vez especial?

Quando nos voltamos para a análise da mídia da forma como ela se constitui hoje, concluímos que independente do teor do discurso, ele sempre será normatizador. Assim, cabe-nos questionar: seria possível uma mídia não-normatizadora?

Como contribuição ao campo da comunicação, ficam aqui estes questionamentos, a confissão como instrumento metodológico revelador de normatização e como estratégia discursiva de legitimação, e também a oportunidade para uma pesquisa de recepção, a fim de verificar como a estratégia discursiva da confissão e a normatização de sexualidade reverberam no público leitor.



6 – Referências bibliográficas

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 607-639, 2009.

CAMARGO, Francisco Carolos; HOFF, Tânia Márcia Cezar. **Erotismo e mídia**. São Paulo: Expressão & Arte, 2002.

CANCLINI, Nestor García. El consumo cultural: una propuesta teórica. In: SUNKEL, Guillermo (Coord.). **El consumo cultural en América Latina**. Bogotá: Convenio Andrés Bello, p. 72-95, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2002.

_____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: o caso da Editora Abril. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.

PRADO, José Luiz Aidar. Experiência e receituário performativo na mídia impressa. In: **In Texto**. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 20, p. 34-47, 2009.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. Fale com eles: mídia jovem e visibilidade juvenil. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: USP, v. 11, n. 1, p. 83-88, 2006.